



A GUERRA CIVIL DO LÍBANO E A REVOLUÇÃO ISLÂMICA NO IRÃ

CONTEXTO HISTÓRICO

Para entendermos a Guerra Civil do Líbano (1975-1990) é necessário recuarmos mais de 100 anos no tempo para o período no qual o Império Turco-Otomano governava a região. É certo que, posteriormente, a Guerra Fria também viria contribuir para a formação das condições que resultaram na guerra civil, mas de todo modo, o papel do Império Otomano não pode ser destacado e nem menosprezado.



O Império Otomano

Sendo um Califado Islâmico, o Império Otomano conferia liberdade aos súditos de outras confissões religiosas desde que pagassem um determinado imposto. Formado principalmente pelos cristãos maronitas, drusos e muçulmanos (sunitas e xiitas), a região do Líbano viu o equilíbrio entre as comunidades religiosas ficar abalado após as reformas do Tanzimat, que modernizaram o Estado Otomano.

Porém, a igualdade entre muçulmanos e não-muçulmanos fez com que alguns grupos, como maronitas e drusos, procurassem estabelecer um poder autônomo local. Em 1860, após vários ataques dos cristãos contra os drusos e muçulmanos instalou-se uma guerra civil que precisou da interferência francesa e britânica para pôr fim aos conflitos.

Mas os franceses ficaram por muito tempo na região, a fim de garantir a implementação do **Protocolo de Beyoglu**, que concedia a região do Líbano a autonomia administrativa, financeira e de defesa. Os franceses continuaram observando o que se passava com a comunidade maronita até a proclamação da independência, e neste processo conseguiram fazer com que vários pontos do Protocolo permanecessem inalterados.



Assim, o Líbano é criado em 1943 com uma constituição que determinava que o presidente fosse do grupo religioso maronita, o primeiro-ministro fosse muçulmano sunita, o líder do Parlamento fosse um xiita e o ministro da defesa um druso. E mais, para cada grupo religioso era permitido ter milícias que funcionariam como uma espécie de forças de segurança. Era este o frágil equilíbrio.

A Guerra Fria

Já a Guerra Fria trouxe mais lenha para a fogueira do conflito regional. Primeiramente, devemos levar em consideração a criação do Estado de Israel em 1948, que acabou trazendo um grande desequilíbrio para a região devido à expulsão dos palestinos de suas terras de origem.

Além disso, tanto Estados Unidos quanto União Soviética apoiavam grupos e interesses particulares na região, no que costuma se chamar de **políticas de interferência**. Como exemplo, podemos citar a aliança dos soviéticos com o governo sírio e a relação entre Estados Unidos e Israel.

Diretamente relacionada à criação do Estado de Israel, especialmente após a Guerra de 1964, foi a criação da OLP (Organização para a Libertação da Palestina), grupo paramilitar que lutava contra o Estado israelense pela liberdade do povo palestino.

Dentro do contexto das interferências externas no conflito, devemos citar a Síria e Israel, que em diferentes momentos intervieram diretamente no conflito, seja apoiando um lado específico, seja apoiando o entendimento pacífico entre os diferentes grupos beligerantes, que eram basicamente cristãos e muçulmanos lutando entre si.



Finalmente, as ideologias do pan-arabismo (representada por Nasser) e do pan-islamismo (criada por Jamal al Din al Afghani), serviram para internacionalizar ainda mais o conflito, seja pela solidariedade de outros países e povos árabes, ou então pela questão da solidariedade entre todos os muçulmanos do mundo.

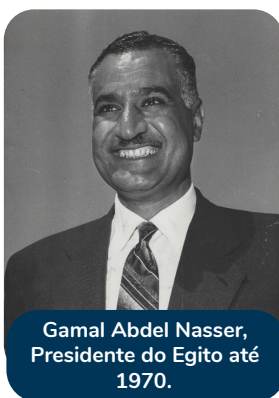


Jamal al Din al Afghani

SOCIEDADE LIBANESA 1975

Em 1958, os muçulmanos sunitas e os drusos apoiaram o pan-arabismo de Nasser, presidente do Egito. O grande número de refugiados palestinos nos países árabes vizinhos fazia com que a questão Palestina sempre fosse levada em consideração nas relações internacionais do Oriente Médio.

Após uma tentativa de golpe na década de 60, promovido por um grupo nacionalista pró soviético para derrubar o governo maronita e pró-estadunidense, o EUA interveio no país, mantendo os cristãos no poder. Dentro do jogo político da região, isto apenas acirrou as tensões entre os diversos segmentos religiosos da população.



Gamal Abdel Nasser,
Presidente do Egito até
1970.

A OLP

A Organização para a Libertação da Palestina (OLP) foi criada em 1964 e desde então assumiu o papel de oposição armada ao Estado de Israel. Impedida evidentemente de atuar dentro dos territórios palestinos, a **OLP** refugiou-se no sul do Líbano junto a outros refugiados palestinos oriundos da **Guerra dos Seis Dias**, que trouxe como resultado uma opressão ainda maior do Estado Judeu sobre a população palestina.

Por outro lado, havia também um grande contingente de palestinos na Jordânia desde a Guerra dos Seis Dias. Em consequência, muitos passaram a utilizar o território jordaniano como base de treinamentos e ataques contra Israel. No começo, o governo jordaniano acomodou bem os guerrilheiros, mas com o tempo as relações se deterioraram e os palestinos foram expulsos do país, partindo também para o sul do Líbano, passando então a atacar Israel desde lá. Evidentemente, Israel retaliava os ataques, o que chegou a fazer com que Beirute, capital do Líbano, fosse bombardeada.

GUERRA CIVIL DO LÍBANO (1975-1990)



Fundado sobre um delicado pacto interconfessional que levava em conta a demografia religiosa do país, o sistema político libanês foi contestado tão logo o país adquiriu sua independência na década de 40, pois a partir da criação do Estado de Israel, e ao longo das guerras de Israel contra os países árabes vizinhos, o número de refugiados palestinos no Líbano foi crescendo, fazendo assim com que a população muçulmana sunita do país crescesse. Estima-se este número em mais de 300 mil refugiados.



Apesar dos palestinos não serem todos muçulmanos, a maioria da população é de muçulmanos sunitas. Quanto à população libanesa, é constituída tradicionalmente por uma maioria de cristãos maronitas. Por esse motivo, o cargo de presidente da república era reservado para um membro deste grupo confessional.

O fato é que aumentaram as tensões entre cristãos e muçulmanos dentro da sociedade libanesa, e logo isto levou a ataques da OLP contra o governo maronita de Pierre Gemayel. No ano de 1975, após atacarem as forças de segurança do presidente Gemayel, o exército libanês retaliou assassinando todos os passageiros de um ônibus que transportava civis para uma festa da OLP, o que levou ao começo da Guerra Civil.

ETAPAS DA GUERRA

Podemos dividir a Guerra Civil do Líbano em três etapas:

- ▶ **1975-1977** - Nesta fase da guerra ocorreu uma explosão de conflitos religiosos entre cristãos e muçulmanos, com abusos de ambos os lados. Ao mesmo tempo, o país tornou-se um grande produtor de narcóticos e rota de contrabando entre o Ocidente e o Oriente. É nesta época que a cidade de Beirute é destruída.
- ▶ **1977-1984** - Nesta fase, o Estado de Israel intervém diretamente no sul do Líbano, pois os conflitos acabaram atingindo o país. No entanto, Beirute é mais uma vez bombardeada, o que levou a embargos internacionais contra Israel. Por outro lado, em 1982 ocorreu um massacre contra muçulmanos feito com a conivência das forças israelenses que ocupavam o país - foi o massacre de sabra e chatila, que vitimou mais de 3.000 refugiados palestinos, que foram assassinados por milícias maronistas em retaliação ao assassinato do líder de extrema-direita Bashir Gemayel.



1984-1990 - Chegou-se a um acordo de paz em 1989, que levou ao fim da guerra civil. Basicamente, buscou-se uma reconciliação nacional entre muçulmanos e cristãos através de um rearranjo do poder institucional. O poder do presidente foi diminuído, mas aumentou-se a representação política no parlamento. Por outro lado, as milícias não foram desarmadas e nem as tensões que deram origem à guerra foram resolvidas. E mais,

na década de 80 surgiu um novo ator político: a milícia xiita e partido Hezbollah, fundado após a intervenção israelense no sul do Líbano. Além de fazerem oposição armada a Israel e apoiarem a causa palestina, o Hezbollah dirige uma rede de apoio social para a população local, que inclui escolas e hospitais.



Bandeira do Hezbollah



Xá Ruholla Khomeni

A REVOLUÇÃO ISLÂMICA NO IRÃ (1979)

Contexto Histórico

A Revolução Islâmica do Irã, em 1979, foi a última grande revolução da década de 70, e possivelmente do século 20. Pela primeira vez na história contemporânea, um regime político teocrático foi alçado ao poder com o apoio da maioria da população. Por um lado, isto significou também o esgotamento das outras linhas ideológicas de luta anti-imperialista, como o comunismo e o nacionalismo árabe, e por outro, a ascensão da religião não mais como algo da esfera privada e particular, mas como um instrumento de luta política e social.

Irã

Ao contrário do que se imagina, o Irã não é um país árabe. Na realidade, o país que conhecemos hoje como Irã é a antiga e milenar Civilização Persa, que deu origem aos impérios Sassânida e Aquemênida, tendo ainda participado de grandes batalhas e eventos históricos, especialmente contra gregos e macedônios. De todo modo, o Irã detém a maior reserva mundial de gás natural e a quarta maior de petróleo.

Tradicionalmente um império, o Irã passou em 1906 por uma revolução que instaurou o modelo político da monarquia constitucional no país. Posteriormente, em 1925, um golpe político colocou no poder o general e primeiro-ministro Reza Xá, que veio a se tornar Xá (imperador) do Irã. A partir daí o Irã tornou-se um país moderno e industrializado.



Divisão geográfica do Oriente Médio, ao centro temos o Irã

Em 1941, o Xá foi forçado a abdicar do trono por pressão da Inglaterra e da União Soviética. Depois disso, quem assumiu o trono iraniano foi o seu filho, Reza Pahlavi, que seria deposto em 1979 no auge da Revolução Iraniana. Antes disso, em 1951, o Irã passou por uma virada nacionalista com a nomeação de Mohammed Mossadegh para o cargo de primeiro-ministro.

A política nacionalista de Mossadegh traduziu-se na nacionalização do petróleo iraniano, o que levou à extinção da Anglo-Iranian Oil Company e à intervenção da CIA em 1953, depondo Mossadegh e instalando um novo primeiro-ministro aliado aos interesses dos Estados Unidos.



KHOMEINI NO PODER

Ao longo das décadas de 60 e 70, o Irã modernizou-se ainda mais e, principalmente, ocidentalizou-se. Contudo, este movimento chocou-se com o conservadorismo religioso da maioria da população, que era muçulmana. Por outro lado, o crescimento econômico do Irã ficou concentrado em uma elite nacional e estrangeira. A classe média e popular do país não se beneficiou do crescimento.



Sendo assim, a oposição ao Xá se fez sentir desde a década de 60, e ela sempre foi reprimida pelas forças de segurança do Estado. Aliás, a repressão sempre foi violenta, e atingia muçulmanos e grupos seculares de esquerda e liberais. Neste meio tempo, ganhou destaque a figura do Aiatolá Khomeini, um líder religioso islâmico de grande popularidade e que logo se destacou na oposição ao governo do Xá. Em 1964, Khomeini foi exilado do Irã, passando os anos seguintes entre o Iraque e a França.

Entre 1978 e 1979, milhões de iranianos tomaram as ruas para protestar contra o governo corrupto do Xá. Apesar da violência da repressão do governo, chegou um momento onde as forças de segurança decidiram ficar ao lado dos manifestantes. É aí então que o Xá do Irã é deposto e o Aiatolá Khomeini assume o poder, quando volta do exílio semanas depois.

EUA X IRÃ

Os Estados Unidos, devido ao seu apoio ao governo do Xá e à sua ingerência nos assuntos internos do Irã, acabaram se tornando o inimigo número 1 do regime. Por outro lado, após o sequestro de 52 funcionários da embaixada dos Estados Unidos em Teerã, os americanos também passaram a ver o Irã como uma nação inimiga.



Funcionários da embaixada retornando aos EUA após 444 dias como reféns no Irã.

E assim, a década de 80 foi marcada pelo apoio do governo dos Estados Unidos a adversários do Irã, como o Iraque de **Saddam Hussein**, que entrou em guerra contra o Irã durante 8 anos, e também pelo escândalo Irã-Contras, que revelou um esquema escuso de contrabando de armas para o Irã, por parte do governo americano, que utilizava o lucro para financiar uma guerrilha anticomunista na Nicarágua (os Contras).

Outro episódio de tensão entre os dois países foi a derrubada de um avião comercial iraniano por um navio de guerra dos Estados Unidos, que vitimou 290 passageiros, em 1988. No ano seguinte, o Aiatolá Khomeini faleceu e assumiu no seu lugar o Aiatolá Khamenei.

